

PROGRAMA DE SEMENTES DE HORTALIÇAS: UMA EXPERIÊNCIA DE AGROECOLOGIA

Catiane Cinelli – UFRGS

katimmc@gmail.com

Noeli Valentina Weschenfelder – Unijui

noeli@unijui.edu.br

Eixo 3: Soberania alimentar, agroecologia e educação ambiental (debate teórico, experiências práticas)

Resumo: Este ensaio se propõe a realizar uma discussão acerca da experiência agroecológica vivida por mulheres camponesas organizadas no Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina, que desenvolvem o Programa de Sementes Crioulas de Hortaliças, esse que se constitui como uma possibilidade de construir *uma outra globalização*, de acordo com a concepção de Milton Santos. Essa resistência a globalização hegemônica acontece tanto no espaço global quanto no espaço local, com tempos diferenciados, questões que discutimos no decorrer do texto. O Programa apresentado nesse trabalho é uma prática de Educação Popular não formal, onde se torna possível a construção de outras relações sociais e de produção para o mundo. O presente texto é fruto de pesquisa realizada para elaboração da dissertação de Mestrado em Educação nas Ciências, a metodologia utilizada foi de observações e entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de perceber as ações concretas e discussão para a construção do projeto popular de agricultura camponesa, a partir dos princípios da agroecologia. Conclui-se que tais ações são na prática iniciativas da *outra globalização* envolvendo a luta entre os povos, desenvolvidas pelas mulheres camponesas organizadas no MMC. Perpassa-se na escrita a discussão sobre espaço, tempo, agroecologia e Movimentos Sociais.

Palavras-Chave: Programa de Sementes; agroecologia; mulheres camponesas; experiência; *outra globalização*.

O presente artigo traz reflexões acerca da experiência agroecológica desenvolvida pelas mulheres camponesas organizadas no Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina, tal ação constitui-se como uma perspectiva de construção de *outra globalização*, aquela que acontece a partir de experiências concretas em um espaço local e global. Tendo como base os princípios da Educação Popular, enfatizamos que a experiência aqui refletida acontece com sujeitos envolvidos em um processo de humanização e educação em tempos e espaços definidos.

Trouxemos elementos de uma experiência de Educação Popular, trata-se do Programa de Sementes de Hortaliças que se dá no contexto das lutas organizadas do Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina. A problematização aqui apresentada resulta de uma pesquisa¹ realizada em 2011, em atividades relacionadas à temática de construção do projeto de agricultura camponesa agroecológica. Nessa perspectiva, a observação que apresentamos nesse texto é de uma Unidade de Produção Camponesa, na qual estão presentes características

¹Pesquisa esta para a realização da dissertação de Mestrado em Educação nas Ciências, pela Unijui.

de resistência e construção de um novo projeto de agricultura camponesa, fazendo frente ao modelo de agricultura existente do agronegócio.

Documentos produzidos pelo Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina (2005) expõem que, tanto os problemas como a necessidade de mudança, continuam presentes no século XXI, pois constata-se que a difusão dos adubos químicos e sua utilização rotineira foram acompanhadas do crescimento do problema de pragas. Contudo, o pacote, composto de monocultura, adubos químicos e inseticidas traz novos problemas sanitários, sobretudo de doenças e plantas invasoras.

Na experiência pesquisada observamos características de resistência a esse modelo imposto do agronegócio, essas dizem respeito à forma diferenciada de produzir na agricultura, construir autonomia na produção a partir das práticas com sementes crioulas de hortaliças, passam a fazer agroecologia na Unidade de Produção. Essas práticas perpassam o dialogar com o grupo familiar ou grupo de produção a respeito das ações e concepções de produção agroecológica e, construir coletivamente a produção sem agrotóxicos. Sobre essa forma de resistência construída a partir da práxis é que nos propomos a discutir nesse artigo, o que perpassa a discussão de espaço, de agroecologia ligada ao Programa de Sementes.

O Programa de Sementes

Para uma melhor compreensão de como acontece o processo de conscientização das mulheres e a construção da agroecologia na Unidade de Produção, é importante descrevermos brevemente como se desenvolve o Programa de Sementes. Este surge e se desenvolve por volta dos anos 2000 no Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina e se consolida com a nomenclatura de “Programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças do MMC/SC”.

O Programa de Sementes se constitui como estratégia de produção agroecológica e construção do projeto popular de agricultura camponesa, pelas mulheres organizadas no Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina. O Programa surgiu a partir da compreensão do MMC acerca da necessidade de um novo projeto de agricultura, que seria uma forma de assegurar uma alimentação saudável pautada na defesa da soberania alimentar com base na preservação das próprias sementes crioulas, patrimônio da humanidade. Com isso é assumido, em novembro de 2002, na Assembleia Estadual do MMC/SC, como um compromisso com a agroecologia e cuidado ao meio ambiente.

Com relação à soberania alimentar, concordamos com Jalil (2009), que uma das questões relacionadas a essa discussão são as políticas públicas, tema nada simples, mas de

grande complexidade, pois nelas estão envolvidas questões individuais tão significativas e fortes, quanto àquelas relativas ao contexto familiar, comunitário e nacional. A autora afirma que a elaboração de políticas públicas permitiria uma distribuição igualitária dos alimentos.

Entendemos ser esta uma questão fundamental, pois concebe o privado como um espaço político. A questão do espaço público e/ou privado remete ao debate sobre a sociedade patriarcal, o que nos faz pensar sobre por que apenas as mulheres “guardam como parte de suas funções de mães e donas de casa o cuidado com a casa, os idosos e outros”. Tal reflexão nos leva a refletir sobre os espaços-tempos discutidos por Santos (2007), principalmente no que diz respeito ao espaço-tempo doméstico, onde as relações predominantes são patriarcais.

Ainda sobre a historicidade do Programa de Sementes, destacamos a fala da dirigente que descreve este relacionando-o com a missão do MMC, bem como sua vinculação com o debate internacional que estava sendo realizado em favor de um outro projeto de agricultura, pois o Programa de Sementes atende um dos princípios da missão do Movimento, que é a construção do Projeto de Agricultura Camponesa Agroecológica.

O Programa de Sementes foi criado no momento em que o Movimento fazia o debate sobre os dois projetos de agricultura possíveis para o campo: o de químicos, extensivo, com os agrotóxicos, e o projeto popular de agricultura. O debate e a opção revela o caráter político do Programa, ligado a um processo de luta, organização e formação em nível mundial, o que reforça a ideia da construção de um projeto popular de agricultura, ligado, por sua vez, a outra possibilidade de futuro, a “uma outra globalização”, como afirma Milton Santos (2010).

Segundo Muraro (2002), a sociedade em que vivemos se desenvolve com discriminação e exploração social, racial e de gênero, colocando o lucro acima da vida dos seres humanos e da natureza. Na pesquisa fica evidente o empenho das mulheres organizadas em favor da mudança dessa sociedade, tanto a partir de suas práticas na agricultura quanto de outras atividades da luta, conforme expõem as observações realizadas em diferentes atividades do Programa. Assim, apreendemos o quanto o mesmo contribui para essa mudança.

Esse concreto é a experiência, como corrobora Thompson (1981, p.182), ao dizer que as pessoas agem como sujeitos ao experimentarem suas situações e relações produtivas determinadas, tratando essa experiência em sua consciência e cultura, o que influencia na constituição de identidades. Na vida das mulheres camponesas, isso se dá através do trabalho e do modo de vida, sendo que elas, além de trabalharem muito em toda a Unidade de Produção, têm mais autonomia no entorno da casa, no que diz respeito à horta, ao pomar, à alimentação e aos cuidados com os pequenos animais.

A partir dessas práticas é que constroem suas ações de transformação. As práticas de recuperar as sementes e animais crioulos, a diversidade de alimentos e das plantas medicinais, a valorização da sabedoria popular e os significados da experiência herdada das antepassadas são alguns elementos do projeto de agricultura camponesa em construção. Diante dessa constatação, nos embasamos em Boaventura Santos, quando de sua proposição das ecologias como superação de uma razão indolente. Aqui optamos por trazer a *ecologia dos saberes* e a *ecologia de produtividade*, a partir da sistematização feita por Oliveira (2008).

Boaventura Santos (2006) propõe a *ecologia dos saberes* como a transformação da ignorância em saber aplicado, superando a monocultura do saber, onde apenas a ciência moderna e a alta cultura são respeitadas. Da mesma forma, a *ecologia da produtividade* traz a recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção, superando a lógica da produtividade capitalista. Ao levar em conta a proposição do autor, afirmamos que as mulheres desenvolvem essas duas ecologias quando realizam a prática das sementes crioulas. Esses elementos exigem das mulheres um resgate do conhecimento popular, bem como novas formas de cuidado e produção da vida, sendo que, na vida camponesa e na agroecologia, o cuidado com a vida é fundamental (MMC/SC, 2005, p. 27). Mas, como afirmamos anteriormente, o mesmo precisa ser trabalhado com os seres humanos como um todo e não somente as mulheres devem ter o papel de cuidar.

Como sujeito social, desde seu surgimento, o Movimento realiza discussões acerca de um novo jeito de fazer agricultura. De acordo com Jalil (2009), com esse intuito, em 1995 mulheres camponesas do MMC/SC participaram de um curso sobre a pequena propriedade rural na perspectiva agroecológica, comprometendo-se a continuar o debate no Movimento no estado². Neste mesmo ano, no Encontro Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais³, reafirmam a opção pela construção de um projeto de desenvolvimento do campo. Nessas atividades é fomentada a discussão nos grupos de base sobre a produção agroecológica e surge a necessidade da produção para o autossustento. Assim, foram desenvolvidas oficinas sobre produção agroecológica em dez regionais do Estado de Santa Catarina.

As experiências de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças, mais especificamente, iniciaram em 2001, contando com oficinas de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças nas regionais organizadas pelo MMC no estado. O Programa foi sendo organizado com uma coordenação geral e um grupo de monitoras composto por vinte e cinco mulheres.

² Na época, Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina – MMA/SC.

³ Nesse ano, foi criada a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, adiante falaremos sobre.

As práticas de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças do MMC/SC desenvolvem-se através de oficinas, observando os princípios da educação popular, onde se aprende a fazer fazendo. O princípio político e técnico parte de cada mulher presente (MMC/SC, 2005, p. 35).

A forma de organização do Programa de Sementes se dá através de um grupo de monitoras; um grupo de referência que faz a experiência de produção e melhoramento para a banca de sementes⁴; a própria banca de sementes e as oficinas nos municípios. Essas últimas são organizadas por uma equipe menor entre as monitoras e dirigentes do Movimento, as quais preparam propostas de formação teórica e prática e as monitoras as desenvolvem nos municípios.

As oficinas de sementes, assim como são nomeadas pelas mulheres, discutem temas desde o surgimento do planeta Terra, a *Grande explosão* até a forma de guardar e reproduzir sementes crioulas. Traremos aqui algumas propostas pedagógicas das oficinas para avaliarmos o processo de aprendizagem, o que leva à constituição das identidades e à recuperação de saberes camponeses, a partir das experiências vividas e refletidas.

Por exemplo, na primeira oficina são expostos e explicitados os objetivos do Programa, momento em que se trabalha como a Terra se constitui, o que “quebra” um pouco com a visão religiosa de que foi um ser superior homem quem criou o planeta, esse ponto também mexe com as concepções religiosas da cultura camponesas. A seguir, descrevemos algumas questões analisadas, a partir das propostas pedagógicas das oficinas municipais.

A experiência desenvolvida num espaço local

Em se tratando de espaço, Fernandes (2005) descreve-o como sendo multidimensional. O espaço possui a qualidade de ser um todo, mesmo sendo parte. Desse modo, o espaço geográfico é formado também pelos elementos da natureza e pelas dimensões sociais, produzidas pelas relações entre as pessoas, como a cultura, a política e a economia. É a partir dessa ideia que analisamos a Unidade de Produção observada, mostrando o que de político, social e cultural existe em um determinado espaço, segundo Callai (2004), a geografia propõe a leitura da realidade a partir do trabalho, ou seja, do espaço construído, concebendo o espaço como território vivo.

A afirmação da autora sobre espaço como território vivo e construído nos leva a relacionar com tal argumento as práticas de recuperar, produzir e melhorar sementes crioulas

⁴ Trata-se de um espaço físico organizado onde são devidamente guardadas as sementes, em embalagens apropriadas para maior preservação e durabilidade.

de hortaliças do Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina. Essa experiência se dá ao mesmo tempo em que as mulheres se envolvem no Movimento, quando saem de casa para a participação política na sociedade e começam a compreender o sentido da existência de grupos de mulheres organizadas.

Ao analisar o Programa, podemos relacionar ao que Boaventura Santos (2006) conceitua como monocultura do produtivismo capitalista, que determina a produtividade do trabalho humano e da natureza em um ciclo de produção e nada mais conta.

A lógica produtiva é uma novidade da racionalidade ocidental, existe há quase cem anos – quando nasceram os produtos químicos na agricultura e a terra passou a ser produtiva em um ciclo de produção, porque os fertilizantes mudaram o conceito de produtividade da natureza -, apareceu ao mesmo tempo que o conceito de produtividade no trabalho. Tudo o que não é produtivo nesse contexto é considerado improdutivo ou estéril. Aqui, a maneira de produzir ausência é com a “improdutividade” (p. 31-32).

Essa afirmação é empregada quando descreve a “sociologia das ausências”. Nesse caso, a ausência é de silenciar os conhecimentos das camponesas, que trazem outra racionalidade, capaz de produzir sem depender dos fertilizantes industrializados. Para a superação dessa lógica, Santos propõe a ecologia das produtividades, a qual “consiste na recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção, das organizações econômicas populares, das cooperativas operárias, das empresas autogestionadas, da economia solidária” (2007, p. 36), e também podemos dizer da produção agroecológica de sementes crioulas de hortaliças praticadas pelas mulheres camponesas.

A pesquisa realizada evidencia-nos diversos espaços divididos com as mulheres, que no fazer cotidiano há diversos tempos, sendo três deles mais evidentes, ou seja: o tempo da motivação, quando a mulher passa a conhecer o Movimento; o tempo da conscientização, que é tempo de compreender a sociedade como ela é; e o tempo da mobilização, quando passam a envolver-se nas ações da luta propriamente dita, contestando e buscando a superação da sociedade. Importante é ressaltar que esses tempos não têm uma ordem cronológica para acontecer, pois pode acontecer alternadamente em uma combinação de ações, formação e luta.

Os diferentes tempos podem ser representados, tanto pelo envolvimento das mulheres no MMC, quanto pela organização da produção. Trata-se, de explicitar como vai se organizando a Unidade de Produção para tornar-se agroecológica, e, tendo a lucidez, nesse caso, de que não é possível uma transformação isolada, pois, para a agroecologia acontecer de fato, é necessário um tempo muito maior e que exige a transformação da sociedade, portanto, faz-se necessária a conscientização agroecológica também da população urbana.

A fala de uma dirigente durante a pesquisa nos permite compreender vários tempos vivenciados na militância, quando expõe que o Programa é muito importante no sentido de construir o projeto de agricultura camponesa agroecológica e de fortalecer o MMC. Essas argumentações possibilitam fazer uma relação com Milton Santos (2010) quando discorre sobre as três globalizações: a globalização como fábula; a globalização como perversidade e a proposição de *uma outra globalização*.

A globalização como fábula é o mundo como nos fazem crer, com um discurso de aldeia global como se todas as pessoas pudessem ter acesso às notícias no momento instantâneo. Essa ideia também traz a noção de tempo e espaços comprimidos, mas podemos nos perguntar pra quem? Em se tratando das camponesas, nem todas têm acesso às informações mundiais, pois o tempo e o espaço ainda têm muita relação com a natureza. E, além do mais, elas não têm acesso à Internet em suas casas, sendo o meio de comunicação para manterem-se informadas no dia-a-dia é rádio e televisão, ou muitas vezes o próprio MMC, mais no sentido de compreenderem o que está por trás de cada informação.

Outra compreensão que Milton Santos (2010) traz é de globalização como perversidade, que é o mundo como ele é. Nessa noção o autor afirma que, na atualidade, se impõe uma fábrica de perversidades, pois a pobreza aumenta e se alastra em todos os continentes, assim como a AIDS⁵ torna-se um problema no mundo, e voltam doenças superadas, como algumas alergias, causando a morte. Pontua, ainda, citando o aprofundamento de males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos e a corrupção. Em meio a essas perversidades é que as mulheres se inserem.

É em *uma outra globalização*, em um outro modo como o mundo pode ser, que o autor propõe a construção de um mundo possível com uma globalização mais humana. De acordo com Milton Santos (2010, p. 20), deveria haver as condições necessárias para que as mudanças acontecessem. Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, na qual vive-se diferentes momentos. Com o tempo da mobilização, da ação e da reflexão as mulheres pensam e fazem o contraponto ao modelo. Constroem, assim, uma nova forma de produção e reprodução da vida camponesa, como resistência, com experiências agroecológicas organizadas a partir do Programa de Sementes. As mulheres enfrentam muitos conflitos para vivenciar esses tempos, tais como a cobrança da família, exigindo que cumpram com os papéis determinados pela sociedade.

⁵ Esse que é um problema atual, por exemplo, em Moçambique 18% da população é aidética.

Concordando com Milton Santos acerca da questão *uma outra globalização*, nos remetemos a fala que nos faz compreender como a vida das mulheres sofre uma mudança grande ao participarem e ao se inserirem no Movimento e que está relacionada na construção de outro mundo, o qual podemos relacionar com outra globalização, mas que para isso o individual também necessita ser transformado.

A expressão da dirigente permite relacionarmos o tempo da mobilização concretizado nas práticas de produção de sementes crioulas, quando a dirigente fala de valorização do ser camponesa, com o exercício da agroecologia, onde podemos visualizar um determinado território. Nesse sentido, trazemos a colaboração de Callai a respeito da interpretação de território através da paisagem, deixando claro que a paisagem é o território ou o lugar em um determinado tempo.

Quando observamos a paisagem em uma Unidade de Produção da pequena cidade de Marema, em Santa Catarina, onde a camponesa que trabalha no referido espaço vive os diferentes tempos em que referimos, pois vivencia a conscientização, ligada à busca da agroecologia na prática; a motivação, quando mostra, tanto nas práticas como no diálogo com o grupo no momento da observação, que foi tocada por algo diferente, ou seja, a produção de alimentos saudáveis e com isso obteve a renda; e o tempo da ação, que se observa, tanto na produção, quanto na militância. A camponesa afirma que não há produção agroecológica sem o envolvimento com a luta e, ainda, que ambas têm sentido uma com a outra, tanto a produção, quanto a mobilização.

E para fazer a leitura deste território, a forma de apresentação que ele nos mostra é a paisagem. Uma paisagem é o retrato de um determinado lugar em um tempo específico, isto quer dizer que se apresenta de forma variada ao longo do tempo. E, além disto, a nossa apreensão pode não abarcar a visão de tudo, pois somos seletivos e, portanto, a nossa percepção da paisagem é sempre um processo seletivo de apreensão. Sendo a paisagem o que vemos, há a necessidade de olharmos para além do que é o visível, pois ela não é formada apenas de volumes, mas também de cores, de movimentos, de odores, de sons (CALLAI, 2004, p. 4).

Diante dessa compreensão do espaço, na pesquisa optamos por olhar em alguns deles num determinado tempo e refletir sobre esses, ou seja, fazer a leitura dos mesmos. Mais especificamente, observamos a Unidade de Produção, onde se produz e se reproduz a vida camponesa. Importante ressaltar, como afirma a autora, que essa leitura é interessada e, nela, também, relacionamos o local e o global.

Fazendo a leitura, seletiva e/ou interessada, conseguimos avistar, para além de casas e algumas plantas, uma Unidade de Produção no perímetro urbano de Marema (SC) com

diversidade de produção, que também apresenta contradições. Essa última se revela com a existência de uma plantação de eucaliptos nos fundos do lugar. Já a diversificação apresenta-se com a existência de um pomar com várias árvores frutíferas, com a plantação de milho, tomate, árvores ornamentais e a forma de organização da mesma mostra que é possível fazer diferente e a resistência ao modelo de produção está presente, pois não vemos a unificação da produção. Como afirmou Callai, podemos ver, nessa paisagem, muita vida, muitos sons, muitas cores e odores.

Evidenciamos uma relação muito singular de quem trabalha nesse espaço com o local, pois é nesse território da Unidade de Produção que se constata a dedicação do trabalho e nesse lugar reproduz sua existência. Apreendemos também uma relação do local com o global quando vemos uma opção pela agroecologia, que, segundo Khatounian (2001), é uma proposta de uma nova produção e modo de vida em nível de América Latina e hoje presente no mundo.

Podemos corroborar com esta ideia com o argumento de Santos (2009) quando afirma que, “nas atuais condições de globalização, a metáfora proposta por Pascal parece ter ganho realidade: o universo visto como uma esfera infinita, cujo centro está em toda parte” (p.313). Ao analisar a referida experiência, podemos afirmar a centralidade daquilo que vemos na paisagem, pois ela é o centro, sendo no MMC considerada como referência e lugar, onde muitas pessoas, inclusive de outros países, a visitaram para servir de exemplo e desenvolver ações semelhantes com os mesmos princípios em locais diferentes, seguindo a demonstração da agroecologia na prática. Assim, podemos considerar a agroecologia como global e a referida experiência local, afirmando que o local está no global e o global no local, pois, como argumenta Santos, cada lugar é, à sua maneira, o mundo, mas, também, cada lugar, imerso numa comunhão com o mundo, torna-se diferente dos demais.

Milton Santos (2009) sintetiza essa concepção quando afirma que, para ser universal, basta falar de sua aldeia. Por isso, com tal reflexão, nossa relação com o mundo mudou e, se antes era local-local, agora é local-global, numa nova relação com o mundo, porque o vemos por inteiro. Assim, podemos dizer que a camponesa que trabalha nessa Unidade de Produção não está limitada a esse lugar e nem ao seu município, pois tem um conhecimento profundo de agroecologia e há uma troca de saberes quando se tem pessoas que conhecem sua experiência.

Ainda, Milton Santos (2009) afirma que os lugares podem ser vistos como um *intermédio* entre o mundo e o indivíduo, globalização e localização, posto que globalização e fragmentação são termos de uma dialética que se refaz com frequência. Multiplicidade de

ações fazendo do espaço um campo e forças *multicomplexos*, graças à individualização e especialização minuciosa dos elementos do espaço: seres humanos, empresas, instituições, meio ambiente construído, ao mesmo tempo em que se aprofunda a relação de cada qual com o sistema do mundo.

Dessa forma, observamos a ampla relação proporcionada pela experiência com o Movimento de Mulheres Camponesas do qual a camponesa que trabalha na Unidade de Produção participa, bem como uma relação com o ambiente como um todo, pois sabemos que a agroecologia é a forma de mantermos o equilíbrio ambiental. Observando a Unidade de Produção, vemos a relação entre globalização e localização, além da relação com a agroecologia de forma ampla, mas mais amplo ainda está o ambiente como um todo, onde o cuidado e a preservação ligada com o projeto de agricultura camponesa se constituem como resistência.

A referida Unidade de Produção não está isolada da sociedade e a globalização, de forma hegemônica, se faz presente na forma da agricultura, tanto que percebemos o monocultivo presente nas proximidades, motivo pelo qual afirmamos que este, um espaço local, não está descolado de um global e, mais, que nesse espaço existem consequências do modelo de agricultura dominante e da globalização como pensamento único.

Podemos relacionar isso com o que Boaventura Santos (1997) nos alerta, de que a degradação ambiental até mesmo afetou espaço-tempo doméstico, pois a modernização da agricultura foi feita em prejuízo dos (as) camponeses (as), em especial das mulheres camponesas. Com isso podemos relacionar, tanto quando falamos da sociedade patriarcal, quanto com as falas das mulheres entrevistadas que expõem essa dificuldade enquanto trabalhadoras.

Além da expulsão do povo camponês das terras mais férteis, o dito desenvolvimento agrícola produziu desequilíbrios nas suas vidas domésticas. “Nada mais errôneo que transformar as mulheres em vítimas abstratas e irrecuperáveis nas teias que a dominação sexual e a dominação de classe entre si se tecem” (SANTOS, 1997, p. 306). Por outro lado, há a possibilidade da construção de novas relações, nas quais as mulheres deixam a condição de vítimas e passam a ser protagonistas de suas vidas e suas existências. Com isso a resistência se dá de forma diária, combatendo os “inimigos”, que são os vícios de um sistema patriarcal e capitalista, onde é necessário criar estratégias para não sofrer as consequências do patriarcado, como a violência.

Apesar de enfrentar o patriarcado também se enfrenta o modelo de produção e, por isso, na agroecologia é necessário criar formas de isolamento⁶ para a não contaminação da mesma e, para tanto, é imprescindível o conhecimento científico dessa forma de produzir. Essa resistência acontece a partir da organização no Movimento de Mulheres Camponesas, a qual podemos conceber como um espaço-tempo da libertação e que compreende a comunidade, isto é, “o conjunto das relações sociais por via das quais se criaram identidades coletivas de vizinhança, de região, de raça, de etnia, de religião, que vinculam os indivíduos a territórios físicos ou simbólicos e a temporalidades partilhadas passadas, presentes ou futuras” (SANTOS, 1997, p. 315).

Concordamos com o autor e afirmamos que o espaço do Movimento Social é um espaço simbólico, em especial quando se concretizam experiências de produção orientadas pelo Movimento e ele passa a ser representado num espaço físico, pois, em se tratando das paisagens trazidas nesse texto, é uma individualidade, tendo o mundo, mas, também, tendo as especificidades de quem nele atua. A uma maior globalidade corresponde uma maior individualidade, Benko (apud SANTOS, 2009) denomina de “glocalidade”. Não basta adotar um tratamento localista, mas também deve-se tomar cuidado em apenas levar em conta os fenômenos dominados pelas forças globais.

Segundo Milton Santos (2009), a história concreta do nosso tempo repõe a questão do lugar numa posição central, com a possibilidade de encontrar novos significados através da consideração do cotidiano. O caráter humano do tempo da ação é intersubjetivo, por isso não podemos deixar de considerar as relações intersubjetivas e nem priorizar apenas a objetividade ao apreender uma situação. Nesse caso, temos que considerar que se trata de uma experiência específica realizada numa Unidade de Produção por uma família, e, se fosse desenvolvida por outras pessoas, poderia se apresentar de forma diferente. Essa ação concreta se dá a partir da formação e dos princípios do Movimento de Mulheres Camponesas, mas talvez em um movimento misto se desse de outra maneira.

De acordo com Lefebvre (apud SANTOS, 2009), a análise da vida cotidiana envolve concepções e apreciações na escala da experiência social no geral, o que inclui uma apropriação profunda e compreensão imediata. O espaço, pelas suas formas geográficas materiais, é a expressão mais acabada do prático-inerte. O espaço se dá ao conjunto dos seres

⁶ Isolamento aqui no sentido de isolar a área de contaminação, pois, se não há o isolamento, o local é mais propício à contaminação por agrotóxicos ou pela própria poluição do ar. A partir da observação, podemos ver, nos fundos da Unidade de Produção, uma plantação de capim pioneiro.

humanos que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual.

Espaço e movimentos sociais, enxergando na materialidade esse componente imprescindível do espaço geográfico, que é, ao mesmo tempo, uma condição para a ação; uma estrutura de controle, um limite à ação; um convite à ação. Nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam (SANTOS, 2009, p. 321).

O espaço inclui a conexão material de um ser humano com o outro, conexão que está tomando sempre novas formas. A forma atual supõe informação para o seu uso e ela própria constitui informação, graças à intencionalidade de sua produção. Como hoje nada fazemos sem esses objetos que nos cercam tudo o que fazemos produz informação. No caso dos Movimentos Sociais Populares, além de produzirem muita informação, também produzem e neles acontece a formação, que ocorre num tempo histórico, no presente, com elementos para analisar o passado e a possibilidade de construir o futuro, o qual não se limita ao local, posto que a transformação é mundial.

Contudo, é possível afirmar que a relação entre espaço e tempo é a relação do espaço da luta na sociedade, que se dá no campo, e o tempo de crises e necessidades de mudança em que vivemos. O espaço pode ser concebido como espaço físico, que é o campo, lugar onde se produz e reproduz a vida das mulheres camponesas. É o espaço da produção de alimentos, da reprodução das relações humanas e com a natureza, de forma que essa relação possa ser tanto de respeito como de exploração. Esta última forma, porém, é a que predomina nos dias atuais, ditada por um sistema econômico e social baseado tão só no lucro.

Os Movimentos Sociais Populares podem ser compreendidos e analisados no contexto espacial e temporal, onde se busca romper com esse sistema, modelo de sociedade e de campo e, mesmo enfrentando desafios, tenta-se construir outra forma de organizar o espaço. Assim, ao falar de campo como espaço físico, estamos revelando o lugar de onde falamos, pois, nos dias atuais, as denominações campo, camponesa, camponês, agricultura camponesa ou Educação do Campo estão imbricadas numa concepção de luta e organização.

Tomando como referência a obra *Por uma outra globalização*, podemos perceber, na globalização como fábula, uma falsa ideia implantada de que todas as pessoas do mundo têm as mesmas notícias e informações. De que a tecnologia é para todos, que as pessoas vivem em espaços e tempo comprimidos. Fazem-nos crer, através de muitas fantasias, cuja repetição nos parece verdade. Vivemos uma ideologia que nos traz elementos essenciais à continuidade do sistema. Mas, na globalização como ela é, pode-se constatar as falsas promessas, pois que na

verdade as informações, a informática e a tecnologia são somente para alguns, para uma parcela da população que pode comprá-las, pois, de acordo com a lógica do capital, estão pensadas para o lucro de alguém.

Desse modo, constata-se via pesquisa que, na globalização pensada e desejada pelo Movimento de Mulheres Camponesas, está a perspectiva de democratizar ou socializar as informações, as tecnologias e, ao radicalizar a interpretação da teoria marxista, confirmar a convicção de que também necessitam partilhar os meios de produção. Com isso, as mulheres camponesas sonham e lutam pela transformação da sociedade, onde não será mais o lucro posto em primeiro lugar, mas sim a vida. No contexto atual, dizem as participantes da pesquisa, faz-se necessário pensar nessa perspectiva, o que requer ir além da vida apenas humana, para pensar na vida do planeta.

Concordamos com Boaventura Santos (1997), ao afirmar a necessidade de ultrapassar o bloqueio das alternativas de emancipação, necessidade essa que se vê reforçada quando se defronta com os problemas globais do fim do século XX, como o da fome, da guerra, da explosão demográfica, das assimetrias entre países ricos e países pobres e da degradação ambiental em escala planetária. O autor considera que o bloqueio modernista das alternativas de emancipação só possa ser ultrapassado, neste momento, por via do pensamento utópico, o qual considera uma das tradições suprimidas pela modernidade e que seria urgente recuperar.

Nessa perspectiva, seria necessário, portanto, uma mudança do paradigma dominante para o paradigma emergente. Afirma o sociólogo: “O que proponho não é uma utopia. É tão-só uma heterotopia. Em vez da invenção do lugar totalmente outro, proponho uma deslocação radical dentro de um mesmo lugar, o nosso” (SANTOS, 1997, p.325). No caso de nossa investigação, o lugar onde as camponesas atuam é o campo, este que, após a II Guerra Mundial, passou por um processo de “modernização”. Contudo, desenvolviam-se, pelo menos desde a segunda década do século XX, movimentos que apontavam para outras direções.

Considerações

Os Movimentos Sociais que apontam para novas direções utilizam outros critérios, identificavam falhas na proposta elaborada pela química da Revolução Verde e, dessa perspectiva, propunham-se a desenvolver outras soluções com base nos exemplos de melhor convivência com os recursos naturais tirados do passado e no conhecimento científico então disponível.

A investigação revela que a produção para o consumo doméstico contribuiu para mudar a relação das pessoas envolvidas na propriedade com a terra. A terra deixou de ser um

meio para unicamente “fazer” dinheiro, transformando-se na fonte primária de alimento da vida. De acordo com o MMC (2005), essas novas formas de relação com a terra e com a vida vêm sendo discutidas e construídas no “Programa de Recuperação, Produção e Melhoramento de Sementes Crioulas de Hortaliças do MMC/SC” a partir de metodologias de educação popular.

Referências:

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar como possibilidade da construção da identidade e pertencimento. In: *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra, 2004. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>, acesso em 06/12/2011.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais*. 2005. Disponível em http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaodocampo/artigo_bernardo.pdf, acesso em 26/11/2011.

JALIL, Laetícia Medeiros. *Mulheres e soberania alimentar: a luta para a transformação do meio rural brasileiro*. Rio de Janeiro, 2009. 118f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Rio de Janeiro, 2009.

KHATOUNIAN, C. A. *A reconstrução ecológica da agricultura*. Botucatu: Agroecológica, 2001.

MARCON, Telmo. *Memória, história e cultura*. Chapecó: Argos, 2003.

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS EM SANTA CATARINA. *Produção de sementes crioulas de hortaliças: as práticas de recuperação, produção e melhoramento de sementes de hortaliças do Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina MMC/SC*. Chapecó: Estampa, 2005.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. 8 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Boaventura e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 19.ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.